



COORDENAÇÃO ROSA NEVES SIMAS E CLARISSE CANHA | www.umaracores.org | geral@umaracores.org

Feminismo pra frente

No momento em que esta especial Asas da Igualdade, se publica, o nosso planeta é abalado por mais uma epidemia mundial. A COVID-19, deixa um rasto de milhares de casos e mortes por todo o mundo, e, somos convidadas/os a ficar em casa. A casa, lugar de afetos, cuidados e bem-estar! Mas também se sabe, que o isolamento pode potenciar situações de Violência Doméstica, o que mantém alerta as organizações de apoio à mulher e as linhas na área da VD. E os femicídios revelam-se. Em Portugal 2 casos, em Março, duas mulheres assassinadas por seus companheiros, este mês, juntando-se aos outros 2 femicídios, já decorridos este ano, um em Janeiro, outro em Fevereiro.

Passamos ao tema principal desta página, o 8 de Março, 2020, notícias a nível Mundial e Nacional, Continente e Madeira, cujas colaborações se agradece. Estes olhares ajudam-nos a alargar o horizonte.

Nos Açores, a diversidade de iniciativas sobre o 8 de Março, demonstram uma evolução sobre o reconhecimento do Dia Internacional da Mulher, isto se compararmos com o que se passava há algumas dezenas de anos atrás em que esta era uma data ignorada e, nalguns casos rejeitado o seu significado e importância.

Em 2020, nas ações promovidas pela UMAR-Açores, em parceria com outras organizações, destaca-se a adesão à Greve Feminista Internacional e, a Marcha Mundial de Mulheres, que lançou a sua 5ª Ação Internacional. Aproveitamos para realçar o dinamismo associativo como base da cidadania participativa. Sobre as ações realizadas no Faial, Terceira e São Miguel, damos conta no nosso site www.umaracores.org.

A terminar, fica um dos meses do 8 de março, em Ponta Delgada, e não só: “feminismo pra frente, machismo pra trás”. É preciso! ♦

CLARISSE CANHA, UMAR-AÇORES

5ª Ação Internacional

A Marcha Mundial de Mulheres é um movimento feminista internacional permanente que quer mudar o mundo para mudar a vida das mulheres. Em 2020 organizamos a nossa V Ação Internacional onde nos concentramos em lutar contra o modelo capitalista, racista, colonialista e heteropatriarcal que nos impõem, marcado por uma ofensiva neoliberal que ataca a democracia e potencia a ascensão da extrema direita.

Iniciamos a nossa ação a 8 de Março e saímos à rua em diversos pontos do planeta denunciando a inversão de importantes conquistas do movimento feminista e reclamando direitos tais como a despenalização do aborto e uma vida livre de violência.

Na América Latina, a Marcha somou-se às gigantescas manifestações de mulheres que exigiam autonomia corporal e o direito a decidir assim como mudanças e alternativas políticas aos atuais modelos neoliberais que dominam a região.

Em África, destaque para as companheiras Moçambicanas que estiveram nas ruas exigindo o fim dos casamentos infantis, o acesso das mulheres à terra e o fim da violência contra as mulheres numa altura em que zonas do país estão a ser tomadas pelo estado Islâmico. E ainda para as companheiras do Sahara Ocidental que, desde os campos de refugiados em Tindouf, denunciaram a ocupação do seu território e pediram solidariedade para os presos e presas políticos/as.



VÂNIA MARTINS *

Na região da Ásia-Oceânia notou-se um crescimento na capacidade de mobilização da Marcha com mulheres na rua exigindo segurança e melhoria das suas condições de vida. Na Nova Caledónia, ainda marcada pelo peso da insularidade e pelo domínio francês, as exigências centraram-se nas desigualdades e no colonialismo.

Na Europa, e à semelhança do que se passou em Portugal, a marcha juntou-se maioritariamente às manifestações da greve feminista. A ação da Marcha em Bruxelas expressou a sua solidariedade com a situação das mulheres mexicanas durante a manifestação do dia Internacional das mulheres, que reuniu 10 mil mulheres.

As mobilizações foram um alento para este ano de ação internacional, seguras que continuaremos em marcha até 17 de Outubro exigindo um mundo justo para as mulheres e lutando contra este sistema que nos desumaniza. Já no dia 24 de Abril, apesar do isolamento, arranjaríamos forma de denunciar, juntas e em diversos pontos do planeta, as corporações que alimentam este sistema. Seguiremos em marcha até que todas sejamos livres!

Resistimos para viver, marchamos para transformar! ♦

*Comité internacional da Marcha Mundial de Mulheres

Uma semana de comemorações

Desde que foi criado o Conselho Municipal para a igualdade, no Município do Funchal que as comemorações do dia das Mulheres começaram a se alargar e a congregar uma série de iniciativas de muito valor e também muito diversificadas, abrangendo públicos dos mais jovens aos mais velhos.

Este ano, em protocolo firmado entre o Município e a Embaixada da Suécia, tivemos uma exposição, com figuras mundiais que trabalham no terreno em vários locais do mundo sobre os direitos das mulheres. Esta exposição foi seguida de conversa com a Embaixadora e uma representante da CIG e foi muito interessante acompanhar as várias realidades e verificar o estágio de evolução em que as mulheres participam chegando-se à conclusão que ainda existe muito trabalho por fazer, a todos os níveis até porque o que hoje são direitos adquiridos amanhã, perante uma grande crise podem ficar em causa.

Também foi realizada uma Tertúlia dirigida aos jovens, onde estiveram presentes várias turmas do secundário sobre a importância das profissões onde as mulheres e homens ainda são minorias. Tivemos mulheres que deram o seu testemunho desde uma comandante de um avião, uma graduada da GNR, um educador de infância e uma jovem de 16 anos campeã de karting. Foi muito interessante perceber quantos preconceitos ainda existem em relação a uma verdadeira igualdade no que toca às profissões.

Nesta semana a UMAR/Madeira lançou um li-



GUIDA VIEIRA *

vro, 1ª coletânea dos artigos do seu blogue “Feminismos é Igualdade”. Este livro tem artigos 69 artigos de 15 pessoas que escreveram entre Julho 2018 a Dezembro de 2019, contendo uma introdução da minha autoria, que coordenei o Blogue, e um prefácio do Presidente da CMF Miguel Gouveia. Neste livro podem ser encontradas várias visões sobre o tema, até porque alguns autores não são Umaristas e até convidamos alguns homens a participar. Este Blogue vai continuar a partir de Abril com mais algumas pessoas a colaborar. Foi um momento muito interessante onde se debateu a importância da divergência e da unidade na ação para ajudar a construir um mundo novo mais igualitário e mais humano onde as mulheres ocupem o lugar a que têm direito.

No próprio dia 8 de Março o Teatro Municipal abriu as portas para podermos ver o filme da Raquel Freira “As mulheres do meu País” e foi um momento inesquecível. Grande filme que recomendo vivamente a quem puder ver.

Na Junta de freguesia de S: Martinho teve lugar um debate bastante diferente, muito participado, quase duas centenas de pessoas, onde foram alguns homens a falar da importância que as mulheres tiveram na sua vida. Desde a mãe, sogra, irmãs, esposas, avós, até algumas mulheres públicas que pelo seu exemplo também contribuíram para serem homens mais realizados sem preconceitos. ♦

* Dirigente Regional da UMAR
Conselheira para a Igualdade
no Município do Funchal

Diversas, mas nunca dispersas



CATHERINE BOUTAUD *

Há dois anos que a plataforma Rede 8 de Março está a construir e a organizar a Greve Feminista em Portugal. Esta Greve, social e laboral, coloca no centro das reivindicações questões ligadas à reprodução social, à esfera dos cuidados domésticos e familiares, à vida estudantil e à sociedade de consumo.

Este ano, mais uma vez, milhares de mulheres saíram à rua em Amarante, Aveiro, Braga, Coimbra, Évora, Faro, Lisboa, Ponta Delgada, Porto, Viseu e Vila Real.

Em Lisboa, fomos mais de 8000 a descer até a Assembleia da República, com força e determinação. Contámos com a presença de várias artistas ativas. Perto das 20h, éramos ainda umas centenas para a performance “Un violador en tu camino”.



A incrível energia e potência deste dia deve nos lembrar que a plataforma que andamos a construir, passo a passo, tem que passar por uma verdadeira experiência feminista para desenvolver uma rede de solidariedade, de apoio e de aprendizagem a nível nacional.

Teremos que ir cada vez mais ao encontro das mulheres fora dos centros, organizando assembleias, consolidando o caminho feito e, juntas, procurando transformar profundamente a sociedade. ♦

* Rede 8 de Março,
núcleo de Lisboa